



Relato de Experiência

Arte e estética na educação: um relato de experiência da educação (do) sensível

Art and aesthetics in education: an account of the experience of sensitive education

Júlia Graciela de Souza*¹, Mariana Lopes Junqueira**², Carla Carvalho*³

*Universidade Regional de Blumenau (FURB) – Blumenau-SC, **Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) – Florianópolis-SC, Brasil

Resumo

Este relato emerge da experiência de um seminário temático desenvolvido na disciplina de Arte e Estética na Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau/Santa Catarina. A proposta elaborada como parte das atividades do componente curricular da disciplina foi organizada pelos acadêmicos e orientada pela professora que ministra a disciplina. O objetivo do seminário foi o despertar dos sentidos e a reflexão sobre o papel do professor como provocador dos sentidos. Participaram do seminário 17 acadêmicos, que são também professores de diversas áreas, matriculados na disciplina de Arte e Estética em Educação. As atividades tiveram base teórica em Duarte Júnior (2000) e aconteceram em cinco momentos: a anestesia em que se vive: análise crítica do cotidiano; reconectando a natureza; ocultando a visão e despertando o tato; despertando o sensível; e reflexões. A experiência promovida pelo seminário temático contribuiu significativamente na reflexão sobre a vida atual e o quão anestesiados se está, na (re)descoberta dos sentidos e na educação (do) sensível. Como os acadêmicos que participaram do seminário também são professores, eles foram provocados pelos mediadores a promoverem momentos de educação (do) sensível com os seus alunos. Diante disso, espera-se uma ressonância das atividades propostas, para além do momento do seminário.

Abstract

This report emerges from the experience of a thematic seminar developed in the discipline of Art and Aesthetics in Education of the Graduate Program in Education, Master's in Education of the Regional University of Blumenau/Santa Catarina, Brazil. The proposal elaborated as part of the activities of the curricular component of the

¹ Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Superior - GEPES/FURB. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-5125-9122> E-mail: nutricionista@juliagraciela.com.br

² Doutoranda em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Integrante do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação e Música e Educação. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0155-8116> E-mail: marianalopesjunqueira@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Atua como professora no Programa de Pós-Graduação em Educação na FURB. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1402-7920> E-mail: ca_carvalho@icloud.com

discipline was organized by the academics and guided by the professor who teaches the discipline. The purpose of the seminar was to awaken the senses and to reflect on the role of the teacher as a provocateur of the senses. The seminar was attended by 17 students, who are also teachers from different areas, enrolled in the discipline of Art and Aesthetics in Education. The activities had as theoretical basis Duarte Júnior (2000) and happened in five moments: the anesthesia in which we live: critical analysis of the daily life; reconnecting nature; concealing the sight and awakening the touch; awakening the sensitive; and reflections. The experience promoted by the thematic seminar contributed significantly to the reflection on the current life, and how numb we are, to the (re)discovery of the senses and the sensitive education. As the academics who participated in the seminar are also teachers, they were provoked by the mediators to promote moments of sensitive education with their students. In view of this, we expect a resonance of the proposed activities beyond the moment of the seminar.

Palavras-chave: Educação (do) sensível, Estética, Sentidos.

Keywords: Sensitive education, Aesthetics, Senses.

Introdução

Este estudo objetiva partilhar um relato de experiência desenvolvido no segundo seminário temático da disciplina optativa Arte e Estética na Educação do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Regional de Blumenau/Santa Catarina. A disciplina de Arte e Estética na Educação ocorreu no primeiro semestre de 2018 e abordou diferentes temáticas, em que se buscou compreender a presença da arte e da estética nas práticas sociais e educacionais contemporâneas. Participaram da disciplina 17 acadêmicos, alguns regularmente matriculados no Mestrado em Educação e outros alunos que participaram apenas dessa disciplina, além da professora responsável e um estagiário docente.

Cada seminário temático foi organizado por uma dupla ou trio de acadêmicos em conjunto com a professora responsável e com o estagiário, denominados de mediadores. Segundo Uriarte *et al.* (2016),

[...] **mediar:** é andar junto, promover encontros com a arte e cultura, esteja ela nos museus, nos livros, no teatro ou nos muros do colégio. Mediar é promover encantamento, mas também estranhamento, conversar e perguntar, ter dúvidas, inquietar-se e mover em diferentes direções (URIARTE *et al.*, 2016, p. 40, grifo das autoras).

Nesse sentido, os mediadores promoveram o encontro da arte e da cultura baseado nos temas de cada seminário, seja no espaço da Universidade ou fora dele. O tema do seminário aqui relatado é a Educação (do) Sensível, com base teórica na tese de doutorado de Duarte Júnior (2000) intitulada: *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Os acadêmicos realizaram a leitura prévia do capítulo IV da tese - *A educação (do) sensível (saborear)*.

Duarte Júnior (2000) chama atenção para o fato de que, na Idade Moderna, o conhecimento está centrado na razão; por conseguinte, os sentidos e os sentimentos humanos são deixados em segundo plano. Para o autor:

“Essa ‘anestesia’, que pode ser verificada no mais simples cotidiano de todos nós, precisa ser revertida através de uma educação da sensibilidade, dos sentidos que nos colocam em contato com o mundo” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 3, grifo do autor). Assim, o pesquisador propõe que seja realizada uma educação (do) sensível, que, para ele,

[...] nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas, mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 15-16).

Dessa forma, o seminário teve como objetivo mobilizar os sentidos e refletir sobre o papel do professor como provocador dos sentidos. As atividades realizadas buscaram alcançar o objetivo traçado. Para isso, foi necessário reconhecer “[...] como saberes e conhecimentos muito mais do que aquilo fornecido pela ciência” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 212). Isso fez com que os acadêmicos se sentissem, nas palavras de Duarte Júnior (2000, p. 212), como “[...] algo próximo a uma revolução nas atuais condições do ensino, mas é preciso tentar e forçar sua passagem através das brechas existentes, que são estreitas mas podem permitir alargamentos”. A seguir, detalhamos e relatamos a experiência.

Metodologia: descrição da experiência

Buscamos, assim como Duarte Júnior (2000), desenvolver a reflexão em torno do corpo, mais especificamente dos cinco sentidos, de modo a focar nas atividades diárias como “[...] morar, caminhar, conversar, comer, tocar, ver, cheirar e trabalhar, ações estas comuns a todos nós e cuja qualidade vem se deteriorando a olhos vistos” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 20).

O seminário ocorreu no período de três horas no turno vespertino e foi dividido em cinco momentos. Salientamos que esses momentos foram planejados tendo como base teórica a tese de Doutorado de Duarte Júnior (2000), principalmente o quarto capítulo da tese, que, como já apontado, os acadêmicos realizaram a leitura prévia para poder, dessa forma, relacionar a teoria com as atividades práticas. A seguir, descrevemos os momentos.

1º momento: A anestesia em que vivemos: análise crítica do cotidiano

Os acadêmicos foram recepcionados em uma sala de aula com carteiras dispostas em filas. Enquanto se acomodavam, foram recepcionados com o vídeo *clip* da música *Another brick in the wall*⁴ (1976) do grupo Pink Floyd, que se repetiu diversas vezes até que todos os acadêmicos tivessem ocupado o espaço. Com a intenção de retratar a anestesia em que vivemos, foi realizada uma intervenção de uma das mediadoras, que entrou no ambiente

[Another
Brick in the
Wall](#)

⁴ Com a intenção de que o leitor possa experienciar um pouco do que ocorreu no seminário temático, inserimos, ao lado do texto, *links* com os vídeos e áudios citados no texto.

interpretando a ação de uma professora tradicional e aplicou uma prova de Matemática sobre tabuada.

Ao fim da prova, os acadêmicos assistiram à projeção de um trecho do filme *Tempos Modernos* (1936) de Charles Chaplin. Não foram realizadas intervenções ou solicitações para que eles prestassem atenção nas imagens. Após, os acadêmicos observaram 20 obras de Candido Portinari que foram projetadas na sala de aula; as obras retratavam ambientes, pessoas e crianças em suas rotinas. As obras utilizadas estavam disponibilizadas em um acervo *online* de livre acesso.

[Tempos Modernos](#)

Foi solicitado que os acadêmicos guardassem em uma caixa os pertences que controlavam a rotina e o tempo, como relógios, celulares e agendas, bem como todo o material de anotação. Para finalizar o momento sobre anestesia, os acadêmicos assistiram a um vídeo com a apresentação do tango *Cambalache* (1934) de Enrique Santos Discépolo. Provocados emocionalmente sobre a vida atual de rotina engessada e fisicamente pelo ambiente em que se encontravam, sentados em carteiras e enfileirados, os acadêmicos relataram os seus sentimentos, memórias e reflexões sobre a anestesia.

[Cambalache](#)

2º Momento: Reconectando a (nossa) natureza

Despidos de objetos e vestidos confortavelmente, os acadêmicos seguiram para o segundo momento, que teve como objetivo central a reconexão com a natureza. O campus da Universidade dispõe de espaços em meio a natureza. Assim, por uma pequena trilha, os mediadores guiaram os acadêmicos pela mata para sentirem diferentes aromas, sons, texturas e a temperatura natural.

3º Momento: Ocultando a visão e despertando o tato

Em um trecho do passeio pelo campus, foi solicitado aos acadêmicos que retirassem o calçado e, com a ajuda dos mediadores, tiveram os olhos vendados por um tecido preto. Os acadêmicos auxiliados pelos mediadores apoiaram ambas as mãos sobre o ombro do colega a sua frente e seguiram o passeio em fila indiana (Imagens 1 e 2).

Imagens 1 e 2: Passeio em fila indiana com os olhos vendados

Fonte: Acervo das autoras, 2018.

A rota foi traçada por diferentes tipos de chão: calçada de cimento bruto, mármore, poça de água, pedras britas, terra dura e raízes de árvores, areia e grama. Ainda com os olhos vendados, os acadêmicos foram acomodados em toalhas e almofadas espalhadas pelas sombras das árvores.

4º Momento: Despertando o sensível

Esse momento buscou despertar o olfato, o paladar, a audição e o tato, e, além desses sentidos, o sensível. Para cada intervenção, os mediadores faziam provocações que desafiavam os acadêmicos a sentirem sabores, aromas e texturas, enquanto ouviam poesia, música e sons.

O primeiro despertar deu-se ao som de ondas do mar e do cheiro característico do protetor solar que foi espalhado sobre a pele. Nesse instante, os acadêmicos foram instigados a sentirem a textura e o cheiro, para reconhecer o que era.

Imagem 3: Primeiro despertar



Fonte: Acervo das autoras, 2018.

Para despertar as papilas gustativas, inicialmente foram distribuídas folhas de menta que foram mascadas. Após isso, sem serem anunciados os sabores e com menos instruções e explicações possíveis, os acadêmicos foram conduzidos ao despertar dos sentidos.

Atirei um limão n'água
e caí n'água também,
pois os peixes me avisaram,
que lá estava meu bem.
Lira do amor romântico
(ANDRADE, 2018, p. 23).

Ao som da interpretação do *Lira do amor romântico*, o sabor azedo do limão foi apreciado pelos acadêmicos.

Imagem 4: Leitura do *Lira do amor romântico*



Fonte: Acervo das autoras, 2018.

A fruta mais descarada
da espécie vegetal,
exibicionista, safada,
a mais amada,
preferência nacional.
Nasce, assim, sem respeito,
em qualquer parte,

de qualquer jeito,
em qualquer quintal
onde houver
um sol tropical.
Respostas ao criador das frutas
(LEÃO, 2015, n.p.)

Sobre os versos de Sônia Carneiro Leão, a banana foi degustada. Antes de mais nada, todos tinham tempo de degustar o alimento, sentir o seu aroma e textura, para, depois, ser lido cada verso para que não entregasse o que cada um estava experienciando. O paladar então recebeu um novo sabor, mas, para descobrir o que era antes de colocarem na boca, os acadêmicos despertaram o olfato e, logo, descobriram que era chocolate. Em seguida, beberam café ao som do poema *Café*, de Tales Buonarotti.

Café de meia, de cafeteira
Tomo até de mamadeira
Café em grão, de verão
Secando ao Sol na fazenda do Barão
Café em pó, com pão e só
Cedinho na casa da vovó
Café expresso, de padaria
Com gosto de correria
Se o café (coitado) soubesse para onde iria,
Sequer ele nasceria.
Mas se não fosse a coragem do café,
Eu não estaria de pé! (Escrevendo poesia)
Café (BUONAROTTI, 2017, n.p.).

Imagem 5: Degustação



Fonte: Acervo das autoras, 2018.

Os acadêmicos estenderam a mão e receberam grãos de pipoca, enquanto palpitavam sobre do que seriam os grãos. Foram, então, interrompidos pelo cheiro da pipoca estourada e por uma música que remetia à infância: *Pipoca* (1994), da cantora Xuxa. E, também, enquanto degustavam a pipoca, ouviram a crônica *Pipoca* de Rubem Alves.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela,
lá dentro cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou: vai morrer.
Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma,
ela não pode imaginar um destino diferente para si.
Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada para ela.

A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz.
Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo a grande transformação acontece: BUM!
E ela aparece como uma outra coisa completamente diferente,
algo que ela mesma nunca havia sonhado.
(ALVES, 2015, n.p.).

5º Momento: Reflexões

Ao fim das degustações, os acadêmicos puderam retirar as vendas dos olhos e foram convidados para um piquenique e para a reflexão. Por cerca de uma hora, os estudantes relataram experiências e maiores dificuldades, buscando relacionar com o texto previamente lido.

Imagem 6: Piquenique e reflexões



Fonte: Acervo das autoras, 2018.

Reflexões sobre a experiência: análise

Nesta seção, iremos tecer algumas reflexões sobre as experiências que os acadêmicos tiveram durante o seminário. Para Larrosa (2016), experiência é o que nos acontece, nos passa e nos transforma, deixando marcas como um território sensível de passagem. Segundo o autor, muitas coisas acontecem em nosso cotidiano, mas nem tudo o que acontece pode ser considerada uma experiência; assim, a experiência se torna cada vez mais rara. Nesse sentido, a experiência é singular, individual, duas pessoas podem passar pelo mesmo acontecimento e terem diferentes experiências (LARROSA, 2016).

O primeiro choque que ocorreu, foi ver a organização da sala de maneira tradicional, uma vez que no programa a maioria das aulas acontece com uma organização diferente das carteiras, em forma de círculo, provocando estesia e permitindo que todos se vejam, ficando à vontade para falar. Ao se acomodarem nas carteiras enfileiradas se sentiram incomodados, pois queriam conversar e interagir. Alguns solicitaram aos mediadores se poderiam mover as cadeiras e se disponibilizaram a reorganizar a sala de aula. Outros, anestesiados com o formato tradicional de sala de aulas, perceberam que a aula seria diferente, demonstrando assim que a organização da sala de aula não é uma escolha ao acaso e inocente. Conforme Dussel e Caruso (2003), a sala de aula

[...] está definida tanto pela arquitetura e pelo mobiliário escolar como pelas relações de autoridade, comunicação e hierarquia que aparecem na sala de aula tal como a conhecemos, e que são tão básicas no momento de ensinar que muitas vezes passam despercebidas (DUSSEL; CARUSO, 2003, p. 37).

Por mais que muitos acadêmicos vivenciaram, durante a sua vida escolar, uma organização da sala de aula de maneira tradicional, ao revisitarem a disposição de carteiras enfileiradas perceberam o quanto se acostumaram ao novo formato vivenciado na pós-graduação, e o quanto essa estrutura tradicional anunciava que a aula seria diferente das demais.

Os acadêmicos, sendo todos professores, com esta experiência, retornaram ao espaço tradicional como estudantes, o que não havia sido vivenciado ainda nas aulas de seminário, provocando novos significados sobre o ser estudante e como o formato da sala de aula influencia no aprendizado e nas interações sociais. O espaço torna-se lugar na relação que os sujeitos estabelecem com ele. Percebemos nesse momento que as relações e afetos provocados pela organização e lógica do lugar provocaram muito os corpos ali presentes. O lugar traz à tona os afetos e nesse sentido o território habitado se enche de sentidos e significados.

A projeção do trecho do filme de Chaplin, que retrata a reprodução diária e a realização de atividades repetitivas, assim como o *clip* da banda Pink Floyd, que critica o método de ensino tradicional, foi assistida pelos acadêmicos mesmo não tendo sido solicitado. Em meio a conversas com os colegas, surgiu o assunto sobre o que se passava na tela e relações com o texto previamente lido. Desse modo, sem perceberem, os acadêmicos iniciaram a reflexão. Perceberam seus corpos nesse lugar em que podem apenas reproduzir e não criar. Diante da proposta da disciplina e do seminário, se sentiram afetados de maneira provocadora.

A aplicação da prova de tabuada causou diferentes reações – enquanto uns acadêmicos simplesmente responderam à prova, outros questionavam o método, outros ainda buscavam copiar a resposta do acadêmico que estava sentado próximo, e uma acadêmica fez um *Tsuru* com a folha da prova. Enquanto cada acadêmico teve uma reação diferente durante a prova, a mediadora que representava a professora, mantinha uma postura séria, chamando a atenção de todos, demonstrando a relação de poder entre professores e alunos. Uma postura bem diferente das demais aulas, nas quais predominou o momento de partilha entre todos. As diferentes reações dos acadêmicos demonstraram o quanto a postura de apenas obedecer ao professor, ainda está enraizada em nós, pois alguns simplesmente responderam a prova sem tecer nenhum questionamento.

As obras de arte de Portinari trouxeram leveza, diferente das atividades anteriores. O colorido e a beleza das obras levaram a vivência de boas e más recordações da infância, causando melancolia e alegria. A arte é ação humana. Ao nos relacionarmos com a obra de arte, objetos de arte ou manifestações artísticas percebemos esse campo da ação humana e nos provocamos a outros olhares, a novas formas de ver o espaço, o corpo, o outro. Assim nos percebemos na possibilidade de criar (MEIRA, 2003).

Posteriormente, no espaço destinado às falas, houve relatos de infância e de como as sensações eram vividas com intensidade – hoje, abafadas pela rotina diária e inúmeras tarefas – e sobre o sistema capitalista que nos leva a adquirir bens. Nesse sentido, esse primeiro momento provocou os acadêmicos para voltarem a atenção para si, interrompendo o ciclo automático em que vive a sociedade atual. Ao refletirem sobre a anestesia em que vivemos, os acadêmicos mostraram-se incomodados e insatisfeitos com a vida atual.

Ainda imersos na anestesia, iniciamos o segundo momento andando, mas com o conceito de “[...] andar significa tão-só uma ação mecânica que os conduz de um ponto a outro [...]” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 84). Assim, o trecho inicial foi caminhado com passos rápidos, conversas e perguntas constantes de “aonde vamos?”. Segundo Duarte Júnior (2000), na sociedade atual, pouco se caminha sem um objetivo utilitarista. Até mesmo quando a caminhada é sem objetivo de chegar a um ponto, só a fazemos porque temos como objetivo a melhora da saúde e a perda de peso. Levou um tempo até que os acadêmicos apreciassem o simples fato de caminhar, e contemplar os diferentes espaços da Universidade, pelos quais os acadêmicos passavam diariamente, mas que até então não tinham parado para olhar, contemplar. É o corpo se percebendo na ação com o contexto, com o outro, com seu próprio corpo. São os sentidos humanos em ação.

Mobilizados pelos sentidos que a natureza começou a despertar, surgiram variadas sensações que foram de contemplação e silêncio, relatos de memórias da infância, irritação pelas picadas de insetos. Uns olharam ao redor, outros para a beleza em contemplar a copa das árvores de baixo para cima, outros ainda observaram as folhas se quebrando sob os seus pés. Houve, ainda, aquele que pediu silêncio para escutar os sons dos pássaros. Duarte Júnior (2000) critica o fato de os adultos não terem espaços livres para caminhar e que possam, no trajeto, apreciar bons sons e belas imagens. O autor ainda nos traz a questão das crianças que crescem em escolas e condomínios fechados e possuem restritas oportunidades de contato com a natureza e com a cidade, a não ser aquilo que se encontra dentro dos muros do condomínio e da escola. Ao fim do trajeto, descobrimos que “[...] ao andarmos são mobilizados em nós importantes processos sensoriais, emotivos e psíquicos, de maneira geral” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 84). Isso nos provoca diante do que vivemos nas escolas, lugar que nos mobiliza a reproduzir ou a criar? Nos afetamos com o que temos na escola? Mesmo na universidade, lugar de provocação e da formação docente, até que ponto, nosso cotidiano nos leva a uma vivência que se constituirá numa real experiência?

Quanto ao terceiro momento, inicialmente com a venda sobre os olhos, os acadêmicos mostraram-se aflitos, inseguros e ansiosos. Ao serem colocados em fila indiana e cientes de que a pessoa à frente os conduziria, mas que esta, por sua vez, também estava com os olhos vendados e sendo guiada por outro na mesma situação, os comentários foram que não iria dar certo. Alguns, diante do medo, não conseguiram dar o primeiro passo. Incentivados pelos mediadores, logo aprenderam a confiar no colega e, principalmente, nos seus outros sentidos. Assim, a sintonia nos passos logo aconteceu.

As sensações provocadas pelos diferentes tipos de chão foram mais intensas para aqueles que andam apenas calçados. No entanto, mesmo o outro acostumado a andar descalço sentiu desconforto, pois não sabia onde iria pisar. Os acadêmicos puderam sentir a aspereza da calçada de cimento bruto aquecida pelo sol da tarde; o liso e o gelado do mármore de um corredor; a poça de água em um canto de uma calçada; as pedras britas de um caminho que, para alguns, parecia não ter fim, visto o incômodo que causava; a terra dura e as raízes expostas de uma árvore deram o medo de tropeçar; a areia da pista de atletismo trouxe a lembrança da praia; e a grama macia deu o alívio do passeio ter chegado ao fim. É o corpo na relação com o espaço, com o lugar. O corpo que sente e que vivencia, que pode se afetar e traduzir em experiência.

Acomodados em almofadas e toalhas espalhadas sobre a grama, os acadêmicos passaram para o quarto momento. Alguns se sentiram à vontade e se deitaram como se estivessem a relaxar numa tarde na praia, outros se sentaram com pernas flexionadas e ombros encolhidos. Com o sentido da visão ocultado, os estudantes tiveram a chance de perceber a importância dos demais sentidos. Duarte Júnior (2000) chama atenção sobre as mãos e o tato, no qual “[...] as mãos parecem ser a extensão natural de nossos olhos, completando com o toque o conhecimento iniciado pelo olhar” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 106). Desse modo, tocamos aquilo que os nossos olhos gostam de ver ou que sentem atração, tanto para apreciação quanto para maior descoberta. Contudo, com os olhos vendados, os acadêmicos tocaram sem ver, ou seja, sem se sentirem atraídos pelo olhar, passaram a usar o tato com outra função. Para Duarte Júnior,

[...] nossa apreensão tátil do mundo vem se perdendo enquanto forma do saber, na medida em que nossas mãos não se exercitam no ofício de tocar sensivelmente, de tocar com vistas ao prazer e à sabedoria que as coisas podem nos proporcionar pelo contato com a nossa pele. (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 105).

Além do tato, ao sentarem-se com os olhos vendados nas sombras das árvores, os acadêmicos puderam despertar o olfato, a audição e, principalmente, a sensibilidade. No entanto, percebemos que, mesmo em atividades que têm a intenção de relaxamento, as preocupações vêm à tona, pois uma acadêmica perguntou se estava sentada à sombra, pois ainda não tinha passado protetor solar.

As demais experimentações tiveram como ponto de partida alimentos com diferentes texturas e sabores. Nesse sentido, concordamos com Duarte Júnior (2000, p. 98) sobre o “[...] fato de nossa alimentação vir se tornando um ato desprovido do verdadeiro prazer sensível, vir deixando de ser reconhecida como uma exaltação dos sentidos, a maioria dos quais se mostram envolvidos na ação de comer”.

A folha de menta foi escolhida como primeiro alimento a ser degustado pelo seu sabor acentuado, de modo a despertar as papilas gustativas. Entretanto, não imaginamos que a menta natural não havia sido ainda provada pela maioria dos acadêmicos. Todos reconheceram o sabor, mas a memória

olfativa e gustativa que possuíam era sobre o sabor artificial. Sobre isso, Duarte Júnior (2000) afirma que,

[...] se por um lado a vida contemporânea vem nos privando de uma série de odores agradáveis (especialmente os naturais), por outro ela acentua ainda mais nossa deseducação olfativa, ao nos impingir uma variada gama de aromas artificiais, aromatizando quimicamente a comida industrializada [...]. (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 104).

A cada alimento entregue para degustação, era notável a agonia de colocar na boca sem saber o que era, mostrando o quanto ainda estamos presos à nossa visão. Apesar das caretas iniciais provocadas pela acidez do limão, segundo alimento entregue aos acadêmicos, logo despertaram em sorrisos devido ao encantamento do poema sobre o amor de Carlos Drummond de Andrade declamado pela voz doce de uma das mediadoras. Os risos fizeram-se presentes nos versos sobre a banana, terceiro alimento, enquanto uns prestavam atenção no verso para descobrir de que fruta se tratava, outros já a colocaram na boca com a certeza de que o paladar descobriria mais rapidamente.

A cada novo alimento, solicitamos para que os acadêmicos sentissem primeiro o cheiro do alimento, pois: “Carregamos [...] a capacidade de imprimir aos odores que sentimos uma notável carga de significados e emoções” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 104). Sobre o chocolate, quarto alimento, tivemos a certeza de que o seu sabor agrada a muitos, a maioria deles o degustou lentamente, deixando-o derreter na boca. Talvez, há tempos não apreciassem o seu sabor.

Os acadêmicos com o olfato mais aguçado logo sentiram que havia mais um cheiro pelo ar, o café. “Talvez pouquíssimos de nós não se deixem levar pelas lembranças despertadas por aromas que, vez por outra, invadem as nossas narinas, produzindo verdadeiros poemas mnemônicos em nosso ser” (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 103). Os estudantes, estesiados, puseram-se a rir da própria vida ou do verso ao ouvirem: “Café expresso, de padaria, com gosto de correria [...]. Mas se não fosse a coragem do café, eu não estaria de pé!” (BUONAROTTI, 2017, n.p.).

Por fim, os acadêmicos tiveram a experiência com a pipoca: em primeiro lugar, o grão; depois, o estouro; seguido do aroma; e, enfim, o crocante na boca. A pipoca inicialmente causou uma euforia nos acadêmicos, que logo se acalmaram para comê-la. Talvez, tenha sido a primeira vez, em suas vidas ou em anos, que tiveram tempo para apreciar aquele sabor característico e sentir a textura sobre a língua. Para aproveitar o silêncio que se fez, uma mediadora fez a leitura da crônica de Rubem Alves. As vendas tapavam os olhos, mas foi possível perceber umas lágrimas de emoção rolando pela face de alguns acadêmicos. Rubem Alves traz uma reflexão sobre a pipoca que causa alegria ao estourar e que isso só é possível porque ela passa pelo fogo, assim como o ser humano se transforma ao passar por situações difíceis:

A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para

que eles venham a ser o que devem ser. [...]. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. (ALVES, 2015, n.p.).

Assim, os acadêmicos puderam refletir sobre os momentos difíceis que passaram ou até mesmo pelo momento que estavam passando, o da pós-graduação, que muitas vezes não abre espaço para o olhar sensível e contribui com a anestesia. Com a reflexão sobre a vida, o fogo, pipocas e piruás, os acadêmicos puderam retirar as vendas e abrir os olhos para um novo despertar do sentido da visão. Em frações de segundo e com um piscar dos cílios puderam descobrir exatamente onde estavam.

O quinto e último momento, o da reflexão, iniciou com o piquenique, pois

[...] o ato de comer parece congrega em torno a si uma série de prazeres sensoriais relativos ao olfato, à gustação, à visão e inclusive ao tato, fazendo brotar entre as pessoas até mesmo a arte da conversação. Os comensais partilham pratos e palavras; repartem sabores, perfumes e sentidos múltiplos. (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 95).

Assim sendo, nesse momento, cada acadêmico teve a oportunidade de expor o que desejasse. Espontaneamente, entre alimento e apreciação de sabores, falaram sobre as dificuldades que sentiram ao terem os olhos vendados; o desconforto e o prazer de andar descalços; de sentir os sabores e aromas dos alimentos combinados com poesias; o olfato aguçado e despertado com cheiros que outrora passaram despercebidos; a felicidade em voltar a enxergar, após a privação da visão; o pavor em responder uma prova de tabuada; entre outras.

Quando fizeram o uso das vendas sobre os olhos, alguns passaram a falar mais, mas a maioria ficou calada, falando apenas o essencial. Uma acadêmica relatou que, sem a visão, parece que ocultaram também a sua voz. Ela sentiu dificuldades em prestar atenção às poesias, por exemplo, pois se distraiu com os demais sentidos. No entanto, todos relataram o quanto a visão dominava entre todos os sentidos, e que a maior dificuldade foi ficar sem enxergar, além de, passar a tarde longe das tecnologias, uma vez que os relógios e smartphones foram retirados, assim ficaram desconectados com o tempo (do relógio) e estavam distantes dos familiares e do trabalho por meio das redes sociais.

Um episódio relatado pelos acadêmicos como de profunda reflexão, que não havia sido programado pelos mediadores, é que o quarto momento foi realizado ao lado da pista de atletismo e, ao abrirem os olhos, os acadêmicos assistiram ao treinamento da equipe paraolímpica da Universidade. Aqueles que haviam reclamado de pisar na pedra e sentir dor nos pés, passaram a ver pessoas disputando corrida em cadeiras de rodas. Duarte Júnior (2000) expõe que somos treinados para não encarar de frente, a não ver, e ele cita o ditado popular “o que os olhos não veem o coração não sente”, fazendo uma analogia

para explicar que olhamos sem de fato ver para não sentirmos e não nos importarmos. Os acadêmicos, ao abrirem novamente os olhos, passaram a ver os fatos com outros significados. Dessa forma, finalizamos o quinto momento e o seminário com uma conversa em grupo “ao vivo e a cores”, algo cada vez mais raro em nossa sociedade.

A conversa, além de ajudar a manter viva a sabedoria popular, consiste também num fator de identidade e de integração cultural. Por ela são trocados não apenas informações e dados, mas, sobretudo, afetos e sentimentos, esses elementos básicos para a manutenção ou a transformação de uma dada realidade. (DUARTE JÚNIOR, 2000, p. 90).

Percebemos nesse percurso que vivemos em tempos de anestesia e que pequenas ações podem provocar novas sensações. Percebemos que o cotidiano na universidade pode continuar e intensificar a anestesia dos corpos que por ali buscam conhecimento. Percebemos que a prática, nos possibilita compreender no corpo o que a teoria discute, pois ela nasce da prática e do olhar cuidadoso para a vida. Os acadêmicos ficaram por alguns dias reverberando aquele encontro, isso nos dá indícios de que para além da teoria, a vivência tornou-se uma experiência que marcou aqueles encontros. Podemos afirmar que a escola, seja na educação básica, seja no ensino superior, pode anestesiá-los ou estesiá-los os corpos, provocando novos olhares, novas vivências, provocando o gesto criativo. Voltamos a ser criança, nos movimentamos, provamos sabores, dançamos, ouvimos, lemos poemas e teorizamos sobre o que fizemos. Mobilizou-nos perceber o quanto esses acadêmicos ficaram surpresos com as atividades propostas e o quanto temos ainda a aprender.

Considerações finais

As experiências promovidas pelo seminário temático contribuíram significativamente para a reflexão de como se vive atualmente (anestesia) e na (re)descoberta dos sentidos. Os participantes foram provocados, sejam eles os mediadores ou os acadêmicos, a se reconectarem à essência humana, a prestarem atenção a sua natureza e aos sentidos, e a levarem essa provocação a outras pessoas.

Salientamos que a disciplina de Arte e Estética na Educação tem como objetivo compreender e experienciar a arte e a estética nas práticas sociais e educacionais para que os acadêmicos participantes possam, em sua prática diária, realizar a sua formação estética e contribuir com a formação estética daqueles com quem convivem. Para Meira (2003), o fazer artístico, poético pode ser um ato subversivo nos tempos atuais. Quem sabe ações como essas possam ser ações de resistência diante do que estamos vivendo na sociedade.

Os acadêmicos que realizaram a disciplina no primeiro semestre de 2018 são professores (de diversas áreas). Assim sendo, ao refletirem sobre o momento vivenciado nesse seminário temático, eles foram provocados pelos mediadores a promoverem momentos de educação (do) sensível para com os seus alunos. Diante disso, acreditamos que a expansão desse seminário se dá muito além da aqui descrita.

Referências

ALVES, Rubem. A transformação pelo fogo. In: ZANDONÁ, Adriano. **Conquistando a liberdade interior: curar as raízes da própria história.** São Paulo, Planeta: 2015. Não paginado.

ALVES, Rubem. **O fogo que nos transforma.** 2015. Disponível em: <https://www.ippb.org.br/textos/revista-online/convidados/o-fogo-que-nos-transforma>. Acesso em: 20 nov. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando: poesia de convívio e humor.** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BUONAROTTI, Tales. **Café, o poema do café.** 2017. Disponível em: <http://www.mexidodeideias.com.br/cultura/poema-do-cafe/>. Acesso em: 10 dez. 2018.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível.** 2000. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. Sala de aula? Genealogia? Definições para iniciar o percurso. In: DUSSEL, Inés; CARUSO, Marcelo. **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de pensar.** São Paulo: Moderna, 2003. Cap. 1. p. 29-46.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LEÃO, Sônia Carneiro. **Um poeta no pomar.** Ilustrações Walther Moreira Santos. Recife: CEPE, 2015.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da criação: reflexões sobre o sentido do sensível.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

URIARTE, Mônica Zewe *et al.* Mediação cultural: função de mestre explicador ou ação de mestre emancipador? In: NEITZEL, Adair de Aguiar; CARVALHO, Carla. (orgs.). **Mediação cultural, formação de leitores & educação estética.** Curitiba: CRV, 2016. p. 37-51.

Agradecimentos

Agências Financiadoras: Fapesc e Capes.

Enviado em: 29/janeiro/2019 | Aprovado em: 15/julho/2020